

JACQUES LACAN
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE A MOURRE
SEMINÁRIO DE 15 DE MARÇO DE 1977
RUMO A UM SIGNIFICANTE NOVO - I - A ESCROQUERIA PSICANALÍTICA
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

Há pessoas bem intencionadas aqui. O que pode fazer com que hajam pessoas bem intencionadas aqui? É que elas não me conhecem, pois quanto a mim, não estou cheio de boas intenções - existe no entanto pessoas bem intencionadas, que, às vezes, me escrevem cartas, tal como na última vez em que falei até demais a respeito de que o discurso analítico seria um lapso.

O que distingue um lapso de um erro grosseiro? Tenho muita inclinação em classificar como erro aquilo que se quer aqui qualificar de lapso, embora desse discurso analítico, já tenha falado ainda que pouco. Quando eu falo, imagino que digo alguma coisa. O desagradável, é que fui obrigado a ter feito lapso, em matéria, se posso dizer, de escrito. Isso toma uma importância particular quando se trata de escrita, para alguém - eu no caso - ter feito.

Cheguei a dizer uma vez, tal como um célebre pintor - *Eu não procuro, acho*. No ponto em que me encontro, tanto não acho como não procuro. Dito de outra maneira, dou voltas. E é isso mesmo o que se produziu - as letras escritas não estavam no bom sentido, no sentido em que elas giram, estavam desordenadas.

É necessário dizer que absolutamente não cometi este lapso sem razão, e se imaginei seguramente a ordem invertida na qual as letras giram, acredito ao menos saber o que queria dizer. Tentarei, hoje, explicar isso. Aliás, fui encorajado pela interlocução que tive ontem à noite, na Escola Freudiana, com a Sra. Kress-Rosen, que teve a bondade de dizer, quase, aquilo que eu quis responder a uma pessoa que me pediu para falar sobre a opinião, parece, de Roman Jakobson, de falar do que o concerne.

Meu primeiro sentimento era o de dizer que o que eu chamo de lingüística exige a psicanálise para ser sustentada. Acrescentaria que não há outra lingüística senão a lingüística. Isso não quer dizer que a psicanálise seja toda a lingüística. O evento prova isso, pois, se faz lingüística desde muito tempo, desde Crátilon, depois Donat, Pricien, afinal, sempre se fez. Isto, aliás, não adianta nada.

Penso que vocês foram informados pelos Belgas, penso que chegou ao ouvido de vocês, que eu falei da psicanálise como podendo ser uma escroqueria. É sobre isso que eu insisti fazendo girar minhas letras, falando do S_1 que parece prometer um S_2 . É preciso lembrar, a esse respeito, daquilo que falei no seu devido tempo, que um significante seria aquilo que representa o sujeito ao lado de um outro significante. O que daí se deduz? Darei a vocês uma indicação, apenas para clarear minha rota, pois ela não é evidente. A psicanálise é talvez uma escroqueria, mas não qualquer uma - é uma escroqueria que incide, justamente, em relação a isto que é o significante, ou seja, a algo bem especial, que tem efeitos de sentido. Também seria suficiente que eu conotasse o S_2 não por ser o segundo no tempo, mas por ter um sentido duplo, para que o S_1 tome seu lugar corretamente.

A importância dessa duplicidade de sentido é comum a todo significante, a Sra. Kress-Rosen não me contradirá - se quer fazê-lo de uma maneira qualquer, que me faça sinal, pois me agrada que ela esteja aqui. Nesse sentido, a psicanálise não é mais escroqueria que a própria poesia.

A poesia se funda precisamente nessa ambigüidade da qual eu falo e que qualifico de duplo sentido. Ela parece depender da relação do significante ao significado, e podemos dizer, de certa maneira, que ela é **imaginariamente simbólica**. Se, de fato, a língua - foi daí que Saussure partiu - é fruto de uma maturação, de um amadurecimento que se cristaliza no uso, a poesia depende de uma violência feita a esse uso, do qual temos as provas - se evoquei, da última vez, Dante e a poesia amorosa, foi exatamente para marcar essa violência. A filosofia faz de tudo para apagá-la, e por isso ela é o campo de ensaio da escroqueria. A partir disso é que também não se pode dizer que a poesia não jogue à sua maneira, inocentemente, o que conotei, nesse instante, de **imaginariamente simbólico**. Isso se chama a verdade.

Isso se chama verdade, principalmente, **sobre a relação sexual**, a saber que, como digo, talvez em primeira mão - não vejo porque não faria disso um título - **a relação sexual, não existe**. Ela não existe propriamente falando, quero dizer, no sentido em que alguma coisa faria com que um homem reconhecesse obrigatoriamente uma mulher. De minha parte, sinto uma dificuldade em reconhecê-la, mas estou bem avisado por ter observado que **não existe a**. Isto coincide com minha experiência - não reconheço todas as mulheres.

A relação sexual não existe, mas isso não é evidente. Ela não existe, salvo incestuosa. É exatamente nisso que Freud avançou - ela não existe, salvo incestuosa, ou assassina. O mito de Édipo designa isto, que a única pessoa com quem se tem vontade de deitar, é a própria mãe, e, quanto ao pai, se mata. É mesmo um tanto mais provável, quando não se sabe quem é seu pai e sua mãe. É exatamente por isso que o mito tem um sentido - Édipo matou alguém que não conhecia, e se deitou com alguém que não tinha a menor idéia que fosse sua mãe.

Isso quer dizer, em suma, que **só há de verdadeiro a castração**. Pelo menos, com a castração, se está seguro de se escapar disso. Não é de modo nenhum do assassinato do pai que se trata, senão de sua castração - a castração passa pelo assassinato. Quanto à mãe, o melhor que se tem a fazer é se isolar dela, para estar seguro de não cometer o incesto.

Gostaria de conseguir dar-lhes a refração dessas verdades no sentido. Seria necessário chegar a dar uma idéia da estrutura que encarnaria o sentido de uma maneira correta. Contrariamente àquilo que se diz, **não há verdade sobre o real, pois ele se esboça como excluindo o sentido**. **Seria muito, ainda, dizer que existe o real, pois, dizê-lo, é supor um sentido**. A palavra *real* tem, ela mesma, um sentido, e eu mesmo joguei com isso em seu devido tempo, evocando aí o eco da palavra *reus*, que, em latim, quer dizer culpado - somos mais ou menos culpados do real. É justamente por isso que a psicanálise é uma coisa séria, e não é absurdo dizer que ela pode deslizar na escroqueria.

É necessário notar de passagem, como fiz Pierre Soury observar, em seu curso de Jussieu, que, se fizermos como ele, do toro que se revira, o elo do nó borromeano, isto supõe que um único toro está revirado. Não que não possamos revirar outros, mas nesse caso, não é mais um nó borromeano. Dei a vocês uma idéia disso, na última vez, através de um pequeno desenho. Não é portanto, surpreendente enunciar, a propósito do toro revirado, que, se esse toro é o do simbólico, o que está no interior é simbolicamente real.

O simbolicamente real não é o realmente simbólico. **O realmente simbólico é o simbólico incluído no real, que tem efetivamente um nome - isto se chama a mentira**. **O simbolicamente real, ou seja, isto que do real se conota no interior do simbólico, é a angústia**. **O sintoma é real**. É mesmo a única coisa verdadeiramente real, quer dizer, que conserva um sentido no real. É bem por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real.

O que é **simbolicamente imaginário, é a geometria**. O famoso ***mos geometricus*** do qual se faz tanto caso, não é senão a geometria dos anjos - apesar da escritura, ela não existe. Certa vez, inquietei bastante o Reverendo Padre Teilhard de Chardin, fazendo-o observar que, se ele se sustentava exatamente da escritura, seria necessário reconhecer que os anjos, existiam. Paradoxalmente, o Reverendo Padre não acreditava nisso - ele acreditava no homem, daí sua história de hominização do planeta. Não vejo porque se acreditaria mais na hominização que no que quer que seja da geometria. **A geometria concerne expressamente aos anjos, e ao resto, quer dizer, à estrutura, prevalece somente uma coisa, é o que eu chamo de inibição**. Inibição à qual eu me ataco, quero dizer, que me inquieta, que faço disso uma inquietação.

A inquietação que me coloco por tudo aquilo que lhes trago aqui, como estrutura, está ligada ao único fato de que a geometria verdadeira não é aquela em que se acredita, a que vem dos puros espíritos, mas a que tem um corpo. É isto o que queremos dizer quando falamos de estrutura. E para começar, vou colocar o preto no branco para mostrar-lhes do que se fala quando se fala de estrutura.

Aqui está um toro furado. Vê-se aqui a borda - se podemos exprimi-la tão impropriamente - a borda do furo que está no toro, e aí, o corpo do toro. É fácil de completá-lo se se percebe - devo isso a Pierre Soury - que, ao furar esse toro, fazemos, ao mesmo tempo, um buraco num outro toro, encadeado com ele.

Tentarei figurar-lhes o que podemos traçar de uma estrutura. Vocês vêem aqui o toro verde no interior do toro vermelho. Ao contrário, vocês podem ver, aqui, o toro verde no exterior. Mas esse não é verdadeiramente um segundo toro, pois é sempre a mesma figura, mas que se demonstra poder deslizar, retornando ao interior do toro vermelho, e que realiza esse toro em cadeia com o primeiro.

Façamos girar o toro verde que se encontra na superfície exterior do toro vermelho. Ele representa, precisamente, o que poderíamos chamar de complementar do toro vermelho, quer dizer, o toro encadeado. Mas suponhamos que seja o toro vermelho que assim fizéssemos deslizar. Obtemos uma realização inversa - algo que é vazio se enoda a algo que é vazio.

Longe de que tenhamos duas coisas concêntricas, temos ao contrário, duas coisas que se jogam uma sobre a outra. O que esclareço, com essa manipulação, é o que chamei de palavra plena e palavra vazia.

A palavra plena é uma palavra plena de sentido. A palavra vazia é uma palavra que só tem a significação - espero que a Sra. Kress-Rosen, na qual percebo um sorriso malicioso, não veja nisso um enorme inconveniente. A palavra é plena de sentido porque ela parte dessa duplicidade aqui desenhada (fig. 1) - é porque a palavra tem um duplo sentido que é S_2 , que a palavra *sentido* é plena dele mesmo. E quando falo de verdade, é ao sentido que me refiro.

O próprio da poesia, quando ela rateia, é ter somente uma significação, ser puro nó de uma palavra com uma outra palavra. Conclui-se daí que a vontade de sentido consista em eliminar o duplo sentido, o que não se concebe senão ao realizar esta figura (fig.3), quer dizer, fazer com que só haja um sentido, o verde recobrimo o vermelho. Como o poeta pode realizar este forçamento, fazer com que um sentido esteja ausente? Substituindo

esse sentido ausente pela significação. A significação não é o que qualquer um crê. É uma palavra vazia. É o que se exprime no qualificativo colocado por Dante sobre a poesia, a saber, que ela seja amorosa.

O amor nada mais é que uma significação e vemos precisamente como Dante encarna essa significação. O desejo, este sim, tem um sentido, mas o amor - tal como já demonstrei no meu Seminário sobre a *Ética*, ou seja, tal como o amor cortês o suporta - o amor é vazio.

Tradução de Jairo Gerbase; 17/12/98.

Revisão de Jairo Gerbase; 18/05/99.